

sôbre a “Praieira”, o de Manuel Correia de Andrade sôbre a guerra dos Cabanos (do qual já nos ocupamos em outro local) e o de José Alípio Goulart sôbre “Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil”. A êstes vem juntar-se, agora, o do autor inglês sôbre a guerra do Paraguai. Como vêem, em se tratando de “temas brasileiros” há lugar para tudo e para todos. Assunto é que não falta. Que a coleção em tão boa hora iniciada por Artur Cezar Ferreira Reis prossiga no seu programa de sempre e com o mesmo critério de trazer ao nosso conhecimento novos temas brasileiros. Referência especial nesta coleção merece o bôm gôsto da capa, reproduzindo antiqüíssimo mapa de Pierre Desceliers, cartógrafo de Dieppe.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

TÔRRES (Maria Celestina Teixeira Mendes). — *História do Bairro do Braz*. Edição do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo. São Paulo. 1969. 252 pp.

E' com grande satisfação que registramos a feliz iniciativa do Departamento de Cultura da Municipalidade paulistana em promover, anualmente, um concurso de monografias relativas à história dos bairros da cidade de São Paulo. E é com satisfação ainda maior que registramos que o primeiro prêmio do aludido concurso coube a uma professôra de Campinas, Maria Celestina Teixeira Mendes Tôrres, de quem não faz muito, registramos importante trabalho de pesquisa sôbre a vida e as realizações de um fazendeiro paulista do século XIX. Para o concurso de que saiu vitoriosa, a Professôra Maria Celestina Teixeira Mendes Tôrres apresentou uma monografia sôbre o Brás, a qual acaba de ser publicada oficialmente pela Prefeitura de São Paulo, através de seu Departamento de Cultura, cujo diretor, Leonardo Arroyo, em palavras de apresentação, soube referir-se ao concurso lembrando que “aos estudiosos da história da cidade de São Paulo não deve passar despercebida a importância de tais monografias. Do passado podemos contar com trabalhos de alta valia, todos êles fixando aspectos de uma cidade hoje inteiramente desaparecida. Graças a êsses cronistas e historiadores é possível, através de seus livros, acompanhar a profunda alteração histórico-social sofrida pela cidade. Com esta nova iniciativa mantém-se, ou se retoma, a continuidade histórica do conhecimento da cidade através de estudos mais modernos”.

Ao ensaio de Maria Celestina T. M. Tôrres seguir-se-ão os outros classificados no concurso: o de Antônio Barreto do Amaral, sôbre Pinheiros; o de Sylvio Bomtempí, sôbre a Penha e o de Maria Helena Petrillo Berardi, sôbre Santo Amaro. A comissão julgadora dêste primeiro concurso foi integrada pela Professôra Myriam Ellis e pelos escritores e historiadores P. Brasil Bandecchi e Ernani Silva Bruno.

De há muito vem a Professôra Maria Celestina Teixeira Mendes Tôrres, portadora de excelente folha de serviços à causa do ensino em São Paulo, demonstrando acentuado pendor pela pesquisa histórica. Sua região natal — Piracica-

ba — constituiu o tema de seu primeiro trabalho, elaborado em colaboração com a Professora Alice P. Canabrava, e publicado no vol. 45 da *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1938. De então para cá, sempre que se lhe oferece oportunidade, tem voltado à pesquisa histórica, dando-nos excelentes provas na monografia a que aludimos e numa outra sobre o tradicional Jardim da Luz, de São Paulo. Seu interesse pela história paulistana levou-a, desta vez, a estudar o mais importante bairro da capital paulista e, pelo que estamos informados, pretende continuar suas pesquisas, tratando de outros bairros.

Nas metrópoles, em que os bairros apresentam uma individualidade marcante, cada um deles pode sugerir excelentes monografias. Foi o que Noronha Santos começou a fazer com relação ao Rio de Janeiro, e foi o que o grupo da Associação dos Geógrafos Brasileiros procurou realizar com a cidade de São Paulo, na excelente monografia elaborada por ocasião do quarto centenário da capital paulista, sob a direção de Aroldo de Azevedo. Quando participamos desse grupo (e coube-nos escrever sobre a evolução urbana de São Paulo) sentimos a falta de estudos como este que Maria Celestina Teixeira Mendes Tôrres vem de publicar. Com efeito, afora ligeiros e esparsos artigos de jornais e com exceção de um estudo de Alice P. Canabrava sobre as “chácaras” de São Paulo — estas mesmas chácaras que, retalhadas, transformaram-se em bairros — nada mais encontramos. Sabíamos, enfim, que os arquivos do Estado e da Municipalidade deviam encerrar para o qual reunira valiosa documentação, sabíamos da existência do Arquivo Aguirre, indispensável para o estudo da divisão da propriedade em São Paulo; sabíamos, enfim, que os arquivos do Estado e da Municipalidade deviam encerrar valiosas peças, fundamentais para o nosso trabalho. Mas, sabíamos igualmente, que nada disso havia sido pesquisado. Faltava, pois, o grande e necessário embasamento histórico para o trabalho geográfico que, então, empreendíamos. Eis a razão, pois, do aplauso irrestrito que damos à brilhante iniciativa do Departamento de Cultura, iniciando, através de concursos de monografias, o levantamento histórico de toda a cidade de São Paulo. Que isto possa servir de estímulo aos que desejarem iniciar-se no campo da pesquisa histórica e que a iniciativa não pereça. Ao contrário, que ela seja cada vez mais convidativa e possa reunir sempre maior soma de trabalhos.

Sobre o trabalho de Maria Celestina Teixeira Mendes Tôrres, assim se expressou o jornal *O Estado de São Paulo*: “A autora procedeu a exaustivas pesquisas nos arquivos da cidade, desde os primórdios da Igreja do colégio, para concluir que a mais antiga referência que se faz em documentos municipais a essa paragem (o Brás), caracterizada como tal, se encontra no termo de vereança de 1769, quando “se despacharam várias petições que concorreram das partes, e na mesma se passou um mandado dos moradores do Pari fazerem as pontes que ficam entre o caminho de José Brás até a chácara do Nicolau”. José Brás era um português que ali erigira uma capelinha em louvor ao Senhor Bom Jesus dos Matozinhos, e dele ficou apenas essa notícia, mas se perpetuou no nome da localidade. A autora refere-se à concessão de novas datas de terra, às pontes, ruas e praças que ali existiam até a primeira metade do século passado, ao recenseamento de 1836 e à planta da cidade em 1841. Na segunda metade do século,

demora-se em tratar da administração do dr. João Teodoro, do largo do Brás e de sua matriz, assim como de outras igrejas, do cemitério, das primeiras indústrias e do surto imigratório, reproduzindo as plantas da cidade que em várias épocas foram traçadas. O século XX leva-a a tratar do Conselheiro Antônio Prado, que governou a cidade de 1889 a 1910, de Washington Luís, do parque da Várzea, do Teatro Colombo, das porteiras, da Penha, de escolas e telefones, até chegar aos melhoramentos que o Brás recebeu nos últimos tempos". O volume, que consta de 252 páginas, é ilustrado com gravuras e mapas e encerra grande cópia de notas e documentos.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

SILVA (Hélio). — 1935: *a revolta vermelha*. Editôra Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1969. 476 pp.

Continuando seu vasto painel sôbre o "ciclo de Vargas", o autor trata, neste oitavo volume, de um dos momentos mais difíceis da éra pós-revolucionária, talvez a linha de menor resistência do longo período getuliano. Se os dois ou três primeiros tomos da obra — lembra o sr. Barbosa Lima Sobrinho ao apresentar o volume — puderam abranger fases mais longas, ou sucessos de mais destaque, o certo é que o encôntro do autor com o arquivo de Getúlio Vargas, que Alzira Vargas do Amaral Peixoto pôs à sua disposição, obriga um passo mais lento, para mais ampla utilização dêsse arquivo de alto valor histórico. O manuseio de tão ampla documentação vem influindo na inteligência e explicação dos sucessos. E' possível, até mesmo, que tenha alterado a orientação fundamental do historiador. O que poderia ser um libelo antigetulista acaba, por amor à verdade, não em exaltação sistemática, mas numa versão sóbria e exata dos acontecimentos e da figura central, que os procurava coordenar ou enfrentar com os recursos de uma personalidade indulgente e tolerante. O autor usa, como para os volumes anteriores, uma bibliografia difícil de igualar, e que vai dos jornais da época aos livros já publicados, sem omitir os depoimentos pessoais, insubstituíveis para certos casos. Tão ampla utilização de fontes dá à sua obra uma substancial fundamentação, sem a qual não passaria de obra panfletária ou de circunstância. Pela vasta documentação que êle está sendo o primeiro a utilizar, seus volumes serão, para o futuro, fonte preciosa e indispensável para o conhecimento de um dos períodos mais movimentados da história brasileira, aquêle em que se iniciou o nosso processo revolucionário.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

WESTPHALEN (Cecília Maria), MACHADO (Brasil Pinheiro) e BALHANA (Altiva Pilatti). — *Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Pa-*